



## OS IMPACTOS LOCAIS DO TURISMO

**LUÍS SILVA**

Doutor em Antropologia Social

Bolseiro de Pós-Doutoramento da FCT

Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL

silva.lms@gmail.com

### RESUMO:

Este artigo analisa os impactes do turismo nas povoações de Sortelha e Monsaraz, considerando a percepção dos habitantes e as repercussões efectivas. Os dados apresentados indicam que os residentes têm uma imagem globalmente positiva do turismo, devido aos benefícios que o sector lhes proporciona, especialmente em termos económicos. Mas o turismo também tem efeitos negativos que devem ser assinalados, particularmente no plano social.

### PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Impactos; Percepções; Estádios de Desenvolvimento; Portugal

### APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, o turismo tem vindo a assumir uma posição de relevo nas políticas formuladas pelo Estado português e pela União Europeia para combater a depressão económica e demográfica em que mergulharam muitas áreas do país, sensivelmente a partir de 1960, devido à perda de importância social e económica da agricultura, ocasionando a emergência de uma nova actividade económica nas áreas rurais. O desenvolvimento do turismo nas povoações de Sortelha (Sabugal, Guarda) e Monsaraz (Reguengos de Monsaraz, Évora) reflecte esta situação. Em ambos os casos, estamos perante lugares de referência no panorama turístico rural nacional, que têm uma panóplia de

### ABSTRACT:

This paper explores the local impacts of tourism in the villages of Sortelha and Monsaraz, taking into consideration the resident's perceptions and the effective repercussions. The data collected shows that the residents have a positive image of tourism, owing to the benefits that tourism brings to the local community, especially in the economic area. But tourism has also negative effects that must be pointed out, especially in the social arena.

### KEYWORDS

Tourism; Impacts; Perceptions; Evolution Stages; Portugal

espaços e serviços orientados para a satisfação dos desejos e necessidades dos milhares de visitantes que anualmente afluem às povoações em busca de História, tipicidade, autenticidade e tradição.

Este artigo analisa os impactes do turismo nestas localidades, tanto do ponto de vista do observador como do ponto de vista dos observados. De modo sequencial, proceder-se-á à caracterização das povoações, à apresentação das percepções que os seus habitantes têm acerca do turismo e à análise dos impactes efectivos do turismo no plano local, sendo as ideias fortes contidas neste artigo sintetizadas no último ponto.



Os dados compilados neste texto foram recolhidos durante a pesquisa de terreno que efectuei nestas duas localidades entre Março de 2003 e Janeiro de 2004. Esta pesquisa envolveu um trabalho de campo com observação participante durante cerca de cinco meses em cada uma das povoações, que incluiu o levantamento de vizinhos, a realização de conversas informais e entrevistas junto de residentes e turistas e uma pesquisa bibliográfica e documental<sup>1</sup>.

### APRESENTAÇÃO DOS LUGARES EM ESTUDO

Próximas da raia luso-espanhola, Sortelha e Monsaraz apresentam características sociais e demográficas típicas de muitos lugares tradicionalmente rurais situados no interior de Portugal, como sejam um reduzido número de habitantes (256 e 120, respectivamente), maioritariamente de idade avançada (45% e 26% tem idade igual ou superior a 65 anos, respectivamente), com baixos índices de escolaridade e formação (27% e 22% da população é analfabeta, respectivamente), exercendo a maioria dos activos actividades ligadas à produção agrícola e aos serviços, especialmente o turismo, sector que ocupa cerca de um quinto da população de Sortelha e um terço da de Monsaraz. Note-se que o desenvolvimento da actividade turística deriva das oportunidades de negócio geradas pela emergência e recrudescimento de turistas e excursionistas nas povoações, atraídos pelo património histórico e cultural da região, incluindo a História, os monumentos, a arquitectura popular, o artesanato e a gastronomia. Em 2004, o Posto de Turismo de Sortelha recebeu (nos 169 dias em que esteve aberto ao público) 4247 visitantes, incluindo 3147 portugueses. Em 2004, o Posto de Turismo de Monsaraz recebeu 17394 visitantes, incluindo 8777 portugueses. Estes dados são, no entanto, apenas um registo que fica muito aquém da realidade, uma vez que grande parte dos visitantes não se desloca ao Posto de Turismo, sobretudo os que viajam em excursão, e também os frequentadores já familiarizados com o local. Estes visitantes tendem a manter com os residentes uma relação de cunho instrumental, efémero e comercial, ocorrendo em função da recolha de informações por parte dos visitantes acerca de atracções e serviços turísticos e/ou de transacções comerciais.

### A OPINIÃO DOS RESIDENTES

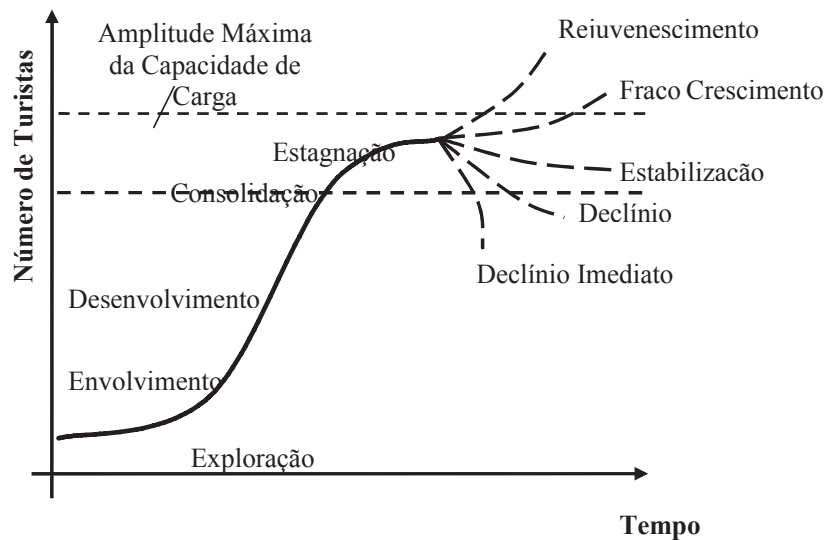
A percepção das comunidades locais sobre os impactes do turismo tem sido objecto de inúmeros

estudos nas últimas décadas, em cujas conclusões destaco o facto de as variáveis sociodemográficas não interferirem nas referidas percepções (Perdue, Long e Allen, 1990; King, Pizam e Milman, 1993; Besculides, Lee e McCormick, 2002). Estes trabalhos, à semelhança de outros efectuados nas décadas de 1970 e 1980, foram realizados numa perspectiva sincrónica (Ap, 1990: 611). Efectuando um estudo de natureza longitudinal, Boissevain e Theuma (1998) reportam a existência de alterações no modo como os habitantes de Malta encaram o desenvolvimento do turismo no seu país. Com efeito, «até meados da década de 1980, a maioria dos malteses congratulavam-se com a chegada de turistas, encarando o acréscimo do número de turistas e a sobrelocação dos espaços, o desconforto, o aumento do número de construções e a destruição do ambiente daí resultantes como necessários ao desenvolvimento económico. Na década de 1990, quando o número de turistas atingiu o valor anual de um milhão, os malteses começaram a sentir-se oprimidos pelos efeitos desta pressão descontrolada no ambiente físico e social» (*ob. cit.*:97).

Utilizando um procedimento análogo, Johnson, Snepenger e Akis (1994) constatarem uma perda de apoio relativamente ao desenvolvimento do turismo numa comunidade rural americana, derivada dos poucos benefícios económicos que dele extraem, em comparação com o que retiravam da actividade mineira. Os autores referem por isso que «Enquanto o desenvolvimento do turismo permanecer em equilíbrio com outros sectores da economia, os habitantes reconhecem que o turismo os beneficia. O turismo parece ser uma excelente indústria secundária ou terciária, mas não como indústria primária em muitas comunidades rurais» (*ob. cit.*: 639).

Estes autores, à semelhança de Py-Sunier (1978), defendem que o estágio de desenvolvimento dos destinos turísticos é um factor a ter em conta quando se pretende estudar a percepção que os membros das populações locais têm sobre o turismo. Num dos mais citados estudos sobre a matéria, Butler (1980, *ob. cit. in* Pearce, 1995: 12) estrutura o ciclo de vida de um determinado destino turístico como sendo composto por vários estádios evolutivos: Exploração, Envolvimento, Desenvolvimento, Consolidação, Estagnação e Declínio Imediato ou Estabilização ou Rejuvenescimento – ver Figura 1.

Figura 1: Modelo de Desenvolvimento dos Lugares Turísticos Proposto por Butler (1980)



Fonte: PEARCE, 1995:12

Como observa Sharpley (1999), o primeiro estágio de desenvolvimento de um destino turístico, o de exploração, é aquele em que um número reduzido de turistas descobre um lugar fora dos circuitos turísticos, desenvolvendo uma relação estreita, mais de hospedagem do que comercial, com os residentes. O estágio de envolvimento acontece quando os residentes descobrem as potencialidades para o desenvolvimento do turismo, começam a promovê-lo para aumentar a procura e a providenciar acomodação e outros serviços a um crescente número de turistas, com os quais mantêm uma relação um pouco mais comercial, mas ainda harmoniosa. O estágio de desenvolvimento acontece quando um destino relativamente desconhecido e tranquilo passa a ser muito frequentado por turistas, passando a oferta turística a ser controlada por organizações externas, como operadores turísticos e grupos de grandes cadeias hoteleiras. Regista-se uma transformação na relação entre os turistas e os residentes por causa do pendor marcadamente comercial das suas relações e as populações locais são crescentemente marginalizadas porque o turismo passa a ser dominado por interesses externos. O estágio de consolidação caracteriza-se por um decréscimo no número de turistas, pela não abertura de novos hotéis e outros locais de comércio e serviços e pelo controlo de custos por parte dos já existentes. Na época alta, o número de turistas ultrapassa o dos residentes, sendo a sua interacção efémera e baseada no comércio. Os destinos perdem a exclusividade e são equiparados a outras atracções turísticas. O estágio de estagnação acontece no momento em que os destinos deixam de atrair

novos turistas e novos investimentos, emergem problemas ambientais, sociais e económicos e há uma queda na procura e nos preços. O estágio de declínio caracteriza-se pela queda abrupta da actividade turística, pelo decréscimo no número de visitantes, pela deslocalização dos maiores negócios turísticos, pela falência e conversão do comércio e serviços turísticos a outros fins, sendo mínimo o contacto entre os forasteiros e os residentes. O estágio de rejuvenescimento caracteriza-se pela emergência de novos investimentos, promoções, ofertas e procuras turísticas que impedem o declínio total do turismo em determinados destinos turísticos (cf. Sharpley, *ob. cit.*: 262-264).

O estudo do turismo em Sortelha e Monsaraz suscita algumas dúvidas quanto à aplicabilidade deste modelo. As povoações podem ser inseridas em diferentes estádios consoante a variável em questão – no estágio de envolvimento em face do elevado grau de envolvimento dos seus habitantes com o sector turístico e do marketing da povoação; no estágio de consolidação em face do número de turistas que visitam as povoações (especialmente Monsaraz, já que não há dados fiáveis relativamente a Sortelha) e do tipo de relações que estabelecem com os residentes, assim como da perda de exclusividade e do modo como são lugares equiparados a outras atracções turísticas<sup>2</sup>. Por este motivo, o que importa é saber como é que o processo de desenvolvimento do turismo num determinado destino se articula com as percepções dos residentes acerca do sector (cf. Sharpley, 1999: 265). Trata-se, entretanto, de uma tarefa que aqui não cabe efectuar, sobretudo porque este trabalho não detém um cunho diacrónico.



A propósito das percepções dos habitantes de Sortelha e Monsaraz acerca do sector turístico, deve começar por sublinhar-se o facto de não variarem significativamente de acordo com as suas condições sociais e demográficas – incluindo a idade, a escolaridade, o sexo, o estado civil e a situação perante o trabalho –, nem tampouco em função da existência ou não de ligações (directas ou indirectas) à actividade turística e aos rendimentos que ela gera. Nestas povoações, quase toda a gente tem uma imagem positiva do turismo, especialmente em termos económicos. Em Sortelha, o sector turístico tende a ser visto pela generalidade da população residente como benéfico, na medida em que ajuda a fixar alguma população, cria emprego, dinamiza o comércio e os serviços e permite a troca de ideias entre pessoas de distintas origens geoculturais, como testemunham as seguintes transcrições:

«se não fosse o turismo isto estava morto; o turismo desenvolve a aldeia, traz dinheiro e ajuda à fixação da população» (Américo, 39 anos)<sup>3</sup>.

«o turismo é bom porque dá vida à aldeia e porque torna a própria aldeia mais aberta devido ao intercâmbio de ideias entre quem vem e quem está» (Florinda, 40 anos).

Em Monsaraz, registei comentários de natureza similar àqueles que foram registados em Sortelha e que sublinham o papel do turismo na criação de emprego, na dinamização do comércio e dos serviços, assim como na preservação do património edificado:

«o turismo é o que vale a Monsaraz, traz dinheiro e ajuda a desenvolver o comércio e a preservar o castelo e os monumentos. O turismo é bom porque é nele que a gente e muitas outras pessoas de Monsaraz se governam. Mas também é bom porque é pelo turismo que se conserva o património. Monsaraz, se não fosse o turismo, acontecia como acontece em Juromenha, em que o Castelo está praticamente a cair e dá pena» (Ermelinda, 45 anos).

«o turismo é bom para Monsaraz, para a freguesia e a região porque traz emprego e dinheiro, sobretudo ao nível do alojamento, da restauração e do artesanato; é o modo de vida de muita gente que antes vivia da agricultura e da criação de animais» (Augusto, 54 anos).

No quadro da primeira edição dos Encontros de Monsaraz, promovidos pela Associação de Defesa

dos Interesses de Monsaraz (ADIM) em 1990, entre outros assuntos, abordaram-se os interesses dos habitantes. A informação compilada na respectiva acta dá conta dos prós e contras que já então se atribuíam ao turismo:

«Os representantes dos residentes de Monsaraz consideraram o turismo como um fenómeno bifacetado com aspectos francamente positivos e aspectos negativos. O desenvolvimento turístico é efectivamente compensador e bom, porque cria postos de trabalho, gera riqueza e ajuda ao crescimento económico. Esta vertente positiva alarga-se a sectores diversos como a hotelaria, o artesanato, a restauração, a gastronomia. Mas as vantagens do processo turístico não são apenas de ordem económica. Os participantes acham que o turismo divulga Monsaraz (o que é positivo) e que o fenómeno do contacto de culturas é útil e frutuoso. Considerou-se que o turismo desenfreado de massas é negativo e prejudicial, porque rompe com o equilíbrio ecológico e humano da comunidade, polui, afecta e invade a vivência quotidiana. (...) Os habitantes de Monsaraz não rejeitam o turismo, mas vivem preocupados com o facto da oferta turística da vila os esquecer, privilegiando a clientela forasteira, sem que algumas necessidades e infraestruturas básicas sejam satisfeitas ou primarem pela insuficiência. Turismo sim, mas sem marginalizar os habitantes da vila» (ADIM, 1990: 9).

Tal como mostra o excerto anterior, a população de Monsaraz reconhece a existência de efeitos indesejáveis decorrentes do desenvolvimento da actividade turística. Em Sortelha, as coisas passam-se de maneira similar. No quadro de múltiplas conversas informais, tive ocasião de registar depoimentos ilustrativos desta asserção, que alertam para o aumento do ruído, do lixo, dos preços e da inveja:

«o turismo também tem um lado mau porque traz poluição, barulho e desassossego, sobretudo em Agosto» (Cecília, 37 anos).

«uma coisa má do turismo foi que pôs os preços de venda e renda das casas e espaços comerciais muito altos. Há muitas invejas entre as mulheres que vendem bracejo na rua; algumas, que até são familiares, guerreiam e não se falam por isso. Também há isso entre os donos dos restaurantes, que se acusam uns aos outros de terem os preços mais baratos para roubar a freguesia. Por outro lado, com o turismo nós sentimos que Sortelha já não é nossa, é dos turistas. Por exemplo, se gente quer ir



almoçar ou jantar ao restaurante na Páscoa ou assim tem que fazer a reserva com antecedência, porque caso contrário encontra tudo cheio» (Cláudia, 26 anos).

Em Monsaraz, durante a pesquisa de terreno, registei elocuições idênticas, que focam a dependência da população local relativamente ao turismo, as limitações à renovação e construção de edifícios, bem como a emergência de tensões sociais:

«o lado mau do turismo é que isto deixou de ser nosso, fora da muralha não se pode construir onde não houver vestígios de construção e cá dentro também não, a não ser como eles, os do IPPAR, querem» (Ermelinda, 45 anos).

«há aí pessoas da terra, donos de restaurantes, lojas de artesanato e casas de hospedagem, que deixaram de se falar ou dizem mal umas das outras precisamente por causa das invejas (decorrentes do turismo)» (Cesaltina, 56 anos).

Estas percepções sobre os efeitos perniciosos do turismo focam aspectos que foram detectados noutros lugares geográficos, designadamente o aumento dos preços (especialmente das habitações), a perda de tranquilidade e as limitações à construção e remodelação de habitações (Moreno, 1999: 409; Herzfeld, 1991).

Entretanto, deve dizer-se que os membros das povoações estudadas convivem bem com o facto de o turismo ter uma posição de relevo na economia local, diferentemente das ideias defendidas por Johnson, Snepenger e Akis (1994) anteriormente mencionadas. Isto talvez se justifique pelo facto de previamente ao desenvolvimento do turismo não ter existido nestas localidades uma actividade económica mais rentável, dado que eram comunidades economicamente baseadas numa agricultura de subsistência. O caso de Monsaraz é neste ponto ilustrativo, pois a maioria da população mantinha-se à custa da terra, retirando daí escassos dividendos (cf. Cutileiro, 1977).

Por outro lado, deve chamar-se a atenção para o facto de estas percepções sobre os impactes do turismo terem sido recolhidas num determinado momento e não num quadro temporal alargado, existindo a possibilidade de haver alterações num futuro mais ou menos próximo, sobretudo se os custos da actividade para os residentes superarem os benefícios.

### OS FACTOS

Os impactes do turismo em Sortelha e Monsaraz podem ser agrupados em quatro categorias analíticas: físicos, sociais, económicos e culturais. No plano físico, o turismo repercute-se na alteração estrutural e funcional de alguns edifícios, patente na adaptação ao sector de antigas lojas de arrumos e de animais e casas. Por outro lado, registou-se a conservação do património histórico edificado e a construção e melhoramento de infra-estruturas básicas, como as redes de saneamento e de electricidade. Em concomitância, fizeram-se obras de ordenamento estético, incluindo o calçamento integral das ruas e largos do centro histórico de ambas as povoações, a eliminação das pocilgas e a plantação de arvoredo nas encostas de Monsaraz. Ao mesmo tempo, embora de modo pernicioso, o turismo provocou o afluxo desmedido de automóveis e o conseqüente aumento dos níveis de poluição sonora e do ar. A este respeito, é interessante sublinhar que a construção de parques de estacionamento em Monsaraz esteve directamente associado ao crescimento desmedido do número de visitantes e à necessidade de se controlar o tráfego automóvel no interior da vila, que também foi restrito a cargas e descargas durante um largo período do dia<sup>4</sup>. A presença simultânea de verdadeiras hordas em determinados períodos do ano é outro aspecto a salientar, pois perturba o sossego da população local, facto que se torna particularmente incómodo quando ocorre a altas horas da noite. O afluxo de visitantes traz ainda o aumento de lixo nos locais frequentados, como sejam cafés, ruas, parques de merendas, entre outros. Por outro lado, há que mencionar a poluição visual decorrente da presença de painéis publicitários e de informação turística existentes em Monsaraz, assim como a sinalização rodoviária. No caso de Sortelha, este problema não se coloca, dado que não existe sinalização rodoviária no centro histórico e os painéis publicitários e de informação turística se enquadram na estética da povoação, pois são discretos e inscritos em materiais consonantes com as construções existentes, casos da madeira e do ferro.

Em termos económicos, o turismo repercute-se a vários níveis, umas vezes de modo positivo outras de modo negativo. No que concerne aos custos, é de referir a inflação dos preços de renda e compra de imóveis, o baixo retorno dos investimentos realizados, a dependência de uma parte significativa das populações de Sortelha e de Monsaraz do



turismo e os problemas suscitados pela sazonalidade. Relativamente aos benefícios, o turismo gera receitas e cria alguns postos de trabalho. Em Sortelha, os 3 cafés/bares, as 2 mercearias, os 3 restaurantes e 6 lojas de artesanato e antiguidades empregam quatro pessoas a tempo inteiro e duas em part-time, sem contar com os proprietários, arrendatários e alguns familiares. O alojamento turístico, composto por 10 unidades, por seu turno, emprega duas pessoas, excluindo os proprietários e seus familiares. Em Monsaraz, os 4 restaurantes, os 3 cafés/bares e as 6 lojas de artesanato dão emprego a dez pessoas a tempo inteiro e a cinco em tempo parcial, especialmente aos fins-de-semana, sem contar com os proprietários e arrendatários que os exploram, não raramente com o contributo dos seus familiares. As 8 formas de alojamento turístico nesta povoação empregam 38 pessoas. Para além disto, o turismo reforça de algum modo as estruturas económicas de Sortelha e Monsaraz e promove a actividade empresarial. No entanto, deve notar-se que os benefícios económicos da actividade turística em meio rural dificilmente poderão ser avultados, dado que a oferta é habitualmente composta por estabelecimentos de pequena escala (cf. Sharpley e Sharpley, 1997). O aspecto positivo da questão reside no facto de esses escassos benefícios económicos ficarem na posse das populações locais, em vez de serem canalizados para o exterior, como ocorre em muitos lugares turísticos a nível mundial (cf. Nash, 1978). Tal situação decorre da circunstância de estes negócios pertencerem à esfera privada local e terem recorrentemente um carácter familiar, sendo escassos os casos em que os mesmos estão na posse de empresas de média dimensão ou instituições, como ocorre com o Hotel Rural, o convento e dois espaços comerciais existentes em Monsaraz, pertencentes a uma sociedade, a uma fundação, a uma universidade e a uma cooperativa agrícola, respectivamente. Além disto, quem explora estes negócios turísticos são geralmente pessoas da terra (residentes e não residentes), pese embora o facto de, nalguns casos, em Monsaraz, eles pertencerem a forasteiros, com quem é celebrado um contrato de arrendamento. Nesta povoação alentejana regista-se ainda a curiosidade de duas lojas de artesanato serem propriedades exploradas por estrangeiros que se fixaram na região há já alguns anos.

No plano social, o turismo não proporcionou nestes lugares a emergência de fenómenos negativos habitualmente associados ao desenvolvi-

mento do turismo de massas em destinos convencionais, como sejam a criminalidade, o jogo e a prostituição (cf. Mathieson e Wall, 1982: 133-176). Entretanto, ainda que de forma moderada, não deixa de se reflectir nas respectivas comunidades locais. No que se reporta à estrutura social, o turismo repercute-se negativamente no modo como conduz à saída de jovens casais da terra para outras povoações mais ou menos próximas em busca de residência. Em ambas as povoações, o turismo acaba por promover aquilo que procurava combater, a desertificação. Com efeito, no que concerne a Sortelha, a tendência para o despovoamento do centro histórico iniciada na década de 1960 não foi invertida pelo processo de patrimonialização e turistificação do mesmo em meados da década de 1990, sendo presentemente habitado por apenas 11 pessoas, a maioria das quais com idade igual ou superior a 65 anos. É no arrabalde que habita a maior parte dos lagartixos (algunho colectivo da população de Sortelha), muitos deles com uma vida totalmente alheia ao fenómeno turístico. Em Monsaraz, as coisas passam-se de maneira similar, pois também aí se regista a continuidade do processo de desertificação, que o turismo, teoricamente, iria inverter, sendo esta povoação habitada por apenas 120 indivíduos, 30 dos quais residentes no arrabalde. Acresce que as actuais circunstâncias do sector imobiliário nas duas povoações em apreço não são de molde a inverter a situação, mas sim a acentuá-la, na medida em que as casas que ficarem desabitadas em função da morte de quem nelas reside tenderão a ser convertidas em espaços orientados para o turismo, por razões que se prendem com a inflação dos preços e com as dificuldades de realização de obras de alargamento ou melhoramento dos espaços para habitação. Os elevados preços de compra e renda das casas disponíveis, juntamente com a proibição de edificação de novas habitações e os condicionalismos legais às remodelações de edifícios, inviabilizam a fixação dos jovens da terra que lá desejam permanecer e contribuem para a redução dos efectivos populacionais, que vão decrescendo em função das taxas de natalidade reduzida e mortalidade relativamente elevada, bem como da partida dos jovens para as sedes de concelho ou outras paragens urbanas<sup>5</sup>. O turismo constitui, portanto, uma ameaça à reprodução social da comunidade.

O desenvolvimento do turismo em Sortelha e Monsaraz induziu ainda a criação de alianças e tensões entre os seus habitantes. Em termos de



alianças, os serviços compósitos da oferta turística estão muitas vezes associados à congregação de esforços dos membros de uma mesma família em torno de um mesmo objectivo. Em Sortelha, os serviços turísticos são explorados e mantidos pelos proprietários e alguns dos seus familiares. Em Monsaraz, as coisas passam-se de maneira similar. Poder-se-á assim concluir que muitos dos serviços turísticos atrás mencionados possuem um carácter familiar, mobilizando muitas vezes recursos ligados por relações de parentesco.

No tocante às tensões, o turismo acaba por estar na origem de situações de conflito. Estas crispações ocorrem fundamentalmente entre os indivíduos que exploram o sector, quer ao nível do alojamento, quer ao nível da restauração, cafetaria e comércio. No decurso do trabalho de campo, para além de me terem sido relatados inúmeros episódios relacionados com esta situação, tive ocasião de testemunhar outros de igual teor, sendo a captação de clientes o principal motivo das divergências. A título exemplificativo, refira-se que em Sortelha algumas das mulheres que negociam artigos de bracejo nas ruas deixaram de se falar por causa dos locais de fabrico e de venda, facto que se torna ainda mais significativo se tivermos em conta que duas delas têm laços familiares. Em Monsaraz, por seu turno, existe um atrito entre o arrendatário de uma unidade de alojamento turístico e outras pessoas ligadas ao sector, que declaram que o mesmo paga uma comissão a um membro da comunidade local por cada quarto preenchido com turistas por si angariados e que afasta os turistas de outras unidades, dizendo-lhes que as mesmas se encontram lotadas, quando o mesmo já não tem quartos disponíveis. Fonte de controvérsia é também o facto de existirem proprietários das unidades de alojamento turístico que praticam preços de estadia mais reduzidos de molde a atrair mais clientes, o que localmente é considerado como uma forma de concorrência desleal.

Nas vilas medievais de Sortelha e Monsaraz, o desenvolvimento do sector turístico implicou também a emergência de uma classe de serviços, crescentemente homogénea em termos sociais, económicos e culturais. Refira-se que a percentagem da população de Sortelha ligada ao turismo é de 21,1% e a de Monsaraz é de 34,6%. Entretanto, torna-se relevante sublinhar que as mulheres detêm um peso relativamente importante no quadro em análise, como é aliás usual no contexto dos serviços turísticos. Esta situação

ocorre em dois planos distintos: o das mulheres que por via da actividade turística deram entrada no mercado de trabalho na qualidade de assalariadas e o das mulheres que pela mesma via se tornaram empresárias.

Acresce que a presença de turistas, excursionistas e recreacionistas na terra não é objecto de oposição por parte das populações, nem fonte de desagrado, mas sim de aumento dos níveis de auto-estima, como decorre da difundida ideia de que «é sempre bom saber que as pessoas de fora gostam de cá vir e acham isto muito bonito». Na Eslovénia, Verbole (1997) registou uma situação similar.

No plano cultural, o turismo acaba por reavivar ou induzir algumas tradições, incluindo festas e artesanato, à semelhança do sucedido noutros lugares (cf. Crick, 1989; McKean, 1978; Cohen, 1988). Entre as primeiras, cabe referir as festividades associadas ao Programa de Animação das Aldeias Históricas de Portugal celebradas em Sortelha, bem como a iniciativa Monsaraz – Museu Aberto e a Festa em Honra do Senhor Jesus dos Passos em Monsaraz. No que concerne ao artesanato, tal processo encontra-se fundamentalmente na produção de objectos de bracejo em Sortelha e as louças de São Pedro do Corval negociadas em Monsaraz. Como diz Vidas (1995), a propósito da produção têxtil nos Andes, o turismo é um agente revitalizador do artesanato local, tornando-o economicamente viável e estabelecendo uma plataforma de ligação entre tradição e modernidade. Tal situação verifica-se igualmente em Sortelha e Monsaraz. Em Sortelha isto acontece com os objectos feitos em madeira (tripés, pifaros e francelas), com os tapetes de Arraiolos e, sobretudo, com artigos feitos em bracejo (cestos e vassouras). O bracejo, que em tom jocoso, alguns locais consideram ser «a indústria de Sortelha», é um exemplo claro do referido argumento de Vidas (*ob. cit.*). Note-se a propósito que antigamente o bracejo era cozido com casca de silva ou junça, que hoje foi substituída pela ráfia. No passado, o bracejo era utilizado nas cortes do gado para acamar os animais e também no fabrico de réstias ou estrados, vassouras e, ocasionalmente, chapéus. Em meados do século XX, tais utilizações caíram em desuso, tendo sido retomadas na década de 1980 para responder a um mercado de recordações associado ao fenómeno turístico que então começou a despontar e que conheceu um estímulo decisivo na altura em que a população obteve o estatuto de Aldeia Histórica de Portugal, em 1995.



Este processo de revitalização traduziu-se no fabrico de artigos que até então não se produziam e que não têm uma função utilitária mas sim decorativa, como é o caso dos cestos. Acresce que este artesanato se tornou, nestes últimos anos, num dos símbolos de Sortelha, sendo comercializado nas ruas e lojas da povoação, dando-se inclusivamente o caso curioso de nalguns cafés e restaurantes se utilizarem esses produtos para colocação de pacotes de açúcar e cobrança da despesa. Em Monsaraz, exceptuando mobiliário em miniatura feito em madeira, não se comercializa artesanato localmente produzido, mas sim a nível regional. Mas as lojas existentes nesta aldeia fronteiriça alimentam a produção de artigos de olaria – que em São Pedro do Corval atinge proporções industriais, de modo que a povoação reivindica o estatuto de “Capital Ibérica da Olaria”, a produção de lanifícios – entre os quais mantas e outros artigos feitos na Fábrica Alentejana de Lanifícios, sedeadada em Reguengos de Monsaraz – e a produção de objectos em couro e cortiça, bem como a vinicultura. Como ocorreu com os artigos feitos em bracejo na antiga vila de Sortelha, também a produção de louças de São Pedro do Corval foi objecto de algumas inovações acarretadas pelo turismo, quer no que toca aos materiais utilizados quer aos objectos fabricados, sem esquecer a mudança de uma função utilitária para uma função decorativa, que quase sempre acompanha estes processos (cf. Moreno e Littrel, 2001). Na verdade, embora se mantenham de algum modo as técnicas tradicionais de fabrico, a matéria-prima (o barro) já não é extraído do solo da região mas sim importado; os desenhos e tonalidades conferidos às louças também já não são feitos com tintas extraídas de produtos naturais mas sim com tintas de fabrico industrial; os motivos decorativos destas mesmas peças também foram alterados e complexificados, surgindo representações associadas à região do Alentejo, entre as quais o pastor e seu rebanho, os sobreiros, as planícies alentejanas, os carros de tracção animal e as casas típicas; além disso, registou-se uma diversificação dos artigos produzidos e o surgimento de novos objectos, tais como candeeiros, cinzeiros, travessas, etc.

Os aspectos que acabei de passar em revista em relação às repercussões culturais do turismo nas aldeias que foram objecto de trabalho de campo demonstram que a mercantilização capitalista da cultura que muitas vezes encontramos associada ao turismo não é necessariamente destrutiva. Há casos em que a mesma estimula a criatividade da popu-

lação local que nela se envolve e induz a tradição, mediante a viabilização económica e a revitalização do artesanato e doutras produções culturais. Por exemplo, numa telenovela produzida pela Globo exibida em Portugal no ano de 2005, intitulada “Como uma Onda”, tal facto torna-se particularmente visível. A população de uma pequena aldeia piscatória próxima de Florianópolis, no estado brasileiro de Santa Catarina, recuperou uma série de traços distintivos da cultura dos emigrantes açorianos que aí se instalaram pela primeira vez em finais do século XVIII, de molde a desenvolver o turismo local. Entre esses traços, encontram-se as rendas de bilros, a gastronomia, o folclore e, inclusive, a arquitectura tradicional. Para além de conduzir à recuperação de todos estes aspectos da cultura tradicional açoriana e de trazer alguma prosperidade económica aos habitantes da aldeia, o turismo acabou por funcionar como elemento catalisador da identidade colectiva dos moradores da aldeia, proporcionando-lhes uma audiência perante a qual a população exhibe e mercantiliza a sua singularidade cultural e identitária. Trata-se de um caso que, embora ficcionado, ilustra aquilo que realmente se passa na região, onde o movimento açoriano tem, nos últimos anos, conhecido um processo de alargamento e fortalecimento, detalhadamente analisado por Leal (2002; 2005).

Esta situação contraria uma certa linha de pensamento antropológico que tem como principal mentor Greenwood (1978), segundo a qual a mercantilização capitalista da cultura acarreta a perda dos valores e significados a elas previamente vinculados. Com base no estudo do Alarde, uma recriação de uma vitória militar dos espanhóis sobre os franceses ocorrida no século XVII numa região fronteiriça do País Basco espanhol, o autor refere que esta recriação era tradicionalmente íntima, sem contacto com o exterior. Ao ser posteriormente convertida numa atracção turística, em que as autoridades municipais procuraram inclusivamente recriar duas vezes no mesmo dia, a recriação tornou-se num espectáculo performado para uma audiência composta por forasteiros, adquirindo assim um cunho claramente comercial, facto que provocou alterações significativas ao nível da participação da população no evento e no seu respectivo significado (Greenwood, *ob. cit.*). Esta visão é igualmente partilhada por Ramos (1997: 90), segundo o qual a mercantilização da cultura local é uma atitude destrutiva. Esta linha de argumentação é contrariada por Cohen (1988: 381-382), para quem a comercialização da cultura não





destrói o significado que os seus produtores lhe atribuem, como ocorre com a música popular tradicional. Na mesma linha de pensamento, relativamente à tese de Greenwood, Boissevain (1996: 13) declara que a comoditização da cultura faz com que «as pessoas redescubram a sua própria história e tradições e comecem a valorizar o seu próprio esforço». Os casos de Sortelha e Monsaraz são uma ilustração deste facto, antes de mais porque os seus habitantes tomaram consciência do valor da História e património da sua povoação, justamente em razão da mercantilização deste recurso, como mostra o depoimento abaixo relatado:

«nós aprendemos a dar valor àquilo que temos com os turistas; eles dizem sempre que Sortelha está muito bonito!» (Paulina, 83 anos, residente em Sortelha).

O estudo de Picard (1995) sobre o turismo cultural no Bali aponta no mesmo sentido, pois o turismo provocou entre os Balineses a tomada de consciência de que são detentores de algo valioso, chamado cultura. Esta concepção positiva do turismo e da mercantilização da cultura encontra-se igualmente presente em muitos dos textos incluídos na colectânea editada por Abram, Waldren e Macleod (1997), na qual se observa que o turismo opera no sentido da revitalização do património, da reactivação das sensações de pertença e das identidades locais, em diferentes lugares. Entre os Ainu, do Japão, regista-se uma situação similar. De acordo com Friedman (1994: 110), o turismo constitui neste contexto um meio de afirmação de uma etnicidade que o estado não reconhece como diferenciada no seio da sociedade japonesa. Nos lugares aqui em estudo, ocorre um processo análogo, já que as populações locais usam o turismo como veículo de afirmação de identidades colectivas, facto que se torna particularmente evidente em performances como a recriação de feiras e torneios medievais em Sortelha e a realização de eventos com touros de morte em Monsaraz. O turismo acabou assim por induzir a reformulação das identidades locais dos habitantes destas duas povoações, que passaram a integrar elementos outrora desaproveitados para o efeito, entre os quais o facto de habitarem uma povoação multissecular e rica, em termos de História e monumentos, arquitectura popular, gastronomia tradicional e artesanato local, sem esquecer as danças e as sonoridades associadas ao Rancho Folclórico de Sortelha e ao Grupo Coral da freguesia de Monsaraz. O turismo fez com que estes elementos fossem elevados à condição de

emblemas ou signos diacríticos das identidades colectivas destas populações, num processo que envolve aquilo que Handler (1988) denomina «objectificação da cultura»<sup>6</sup>. Por outro lado, deve observar-se que o turismo fornece às populações locais um novo parceiro colectivo, perante o qual as mesmas representam as suas identidades, que assentam numa estrutura de contrastes entre um Nós e um Eles (cf. Abram, Waldren e Macleod, 1997). Em Sortelha e Monsaraz, os visitantes passaram a ser o parceiro colectivo preferencial para a representação das identidades culturais e colectivas das populações, relegando para segundo plano, por assim dizer, os habitantes das povoações adjacentes. Estes processos de inclusão e de exclusão têm um carácter relacional, o que reitera a ideia de que as fronteiras culturais emergem justamente em contextos de interacção entre membros de grupos que são ou que pretendem ser distintos (Barth, 1969).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sortelha e Monsaraz são lugares que possuem um leque variado de espaços e serviços orientados para a satisfação dos desejos e necessidades dos milhares de visitantes que anualmente se deslocam às povoações em busca de História, tipicidade, autenticidade e tradição. Estes visitantes tendem a manter com os membros das populações locais uma relação de carácter instrumental e efémero, associada à obtenção de informações e à realização de trocas comerciais. Nestas localidades, existe um considerável grau de envolvimento dos residentes com o sector turístico, na medida em que a percentagem dos habitantes com ligações mais ou menos ténues ao turismo é de 21,1% no caso de Sortelha e de 34,6% no caso de Monsaraz.

Apesar de reconhecerem a existência de efeitos negativos, os habitantes destas povoações têm uma imagem globalmente positiva do turismo, fundamentalmente em razão dos benefícios económicos que o sector lhes proporciona. Entretanto, a pesquisa de terreno que suporta este artigo permitiu apurar que o turismo tem efeitos positivos e negativos ao nível local que extravasam a esfera económica. No plano físico, entre outras situações, o sector implicou a recuperação do património edificado e o aumento dos níveis de poluição. Do ponto de vista económico, a actividade turística, entre outros impactes, traz alguns dividendos aos habitantes envolvidos no sector e provoca-lhes uma certa dependência face ao



mercado. Na esfera social, o turismo contribuiu, por exemplo, para a emergência de uma classe de serviços e para a criação de algumas alianças e tensões entre os habitantes das aldeias, ameaçando também a reprodução social das comunidades. No domínio cultural, o turismo repercute-se, por exemplo, no reavivar de determinadas tradições e na reformulação das identidades colectivas locais.

A revitalização das tradições mostra que a mercantilização capitalista da cultura que encontramos muitas vezes associada ao turismo não é necessariamente destrutiva, havendo casos em que induz a tradição e estimula a criatividade dos membros das populações locais, promovendo igualmente a reformulação das suas identidades colectivas.

Por último, como esta pesquisa foi feita numa perspectiva sincrónica, seria pertinente visitar as povoações dentro de alguns anos a fim de perceber como é que o processo de desenvolvimento do turismo se repercute localmente e se articula com as percepções dos residentes relativamente ao sector.

## Notas

1- Os dados compilados neste artigo foram recolhidos durante os trabalhos de preparação da minha tese de doutoramento, que foi financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Silva, 2007).

2- Inúmeras vezes registada no terreno, no quadro de conversas informais com turistas, a ideia de que Sortelha «é a mais bela e mais bem preservada Aldeia Histórica de Portugal» ilustra-o, o mesmo acontecendo com a ideia de que Monsaraz «é uma localidade que lembra Óbidos».

3- Para salvaguardar a identidade dos informantes, optei por utilizar nomes fictícios em todos os casos em que faço uso das suas afirmações, mantendo reais a idade e o sexo. Por outro lado, optei por realçar, através do uso de formatação em itálico, as expressões mais significativas dos enunciados transcritos relativamente ao tema em questão.

4- A expressão *vila* designa o núcleo urbano edificado no interior das muralhas da povoação, ao passo que a expressão *arrabalde* designa o espaço físico situado fora das muralhas.

5- As regras e restrições à construção e remodelação de edifícios no centro histórico de Monsaraz adquirem visibilidade no momento em que, à data da pesquisa, existiam duas obras embargadas, sendo uma delas justamente uma casa de habitação.

6- Este processo, na óptica de Handler (1998: 14-16), assume duas vertentes: a da perspectiva da cultura enquanto objecto, enquanto entidade corpórea delimitada, contínua e distinta de entidades similares, e a perspectiva da cultura enquanto conjunto de objectos e entidades susceptíveis de serem constituídas enquanto expressões emblemáticas da mesma.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAM, S., WALDREN, J., MACLEOD, D. (eds.) (1997), *Tourists and Tourism, Identifying with People and Places*, New York, Berg.
- ADIM – ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DOS INTERESSES DE MONSARAZ (1990), *Actas do 1º Encontro: “Monsaraz e o Turismo”*.
- AP, J. (1990), “Resident’s Perceptions Research on the Social Impacts of Tourism”, in: *Annals of Tourism Research*, 17: 610-615.
- BARTH, F. (1969), “Introduction”, in: Barth, F. (ed.), *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference*, London, George Allen & Unwin: 9-38.
- BESCUVIDES, A., LEE, M. E., McCORMICK, P. J. (2002), “Resident’s Perceptions of the cultural benefits of Tourism”, in: *Annals of Tourism Research*, 29, (2): 303-319.
- BOISSEVAIN, J. (ed.), 1996, *Coping With Tourists*, Oxford, Berghahn Books.
- BOISSEVAN, J., THEUMA, N. (1998), “Contested Space: Planners, tourists, developers and environmentalists in Malta”, in: Abram, S., Waldren, J. (eds.), *Anthropological Perspectives on Local Development*, London, Routledge: 96-119.
- COHEN, E. (1988), “Authenticity and Commoditization in Tourism”, in: *Annals of Tourism Research*, 15: 371-386.
- CRICK, M. (1989), “Representations of International Tourism in the Social Sciences: Sun, Sex, Sights, Savings and Servility”, in: *Annual Review of Anthropology*, 18: 307-344.
- FRIEDMAN, J. (1994), “Globalization and Localization”, in: Friedman, J., *Cultural Identity and Global Process*, London-Thousand Oaks-New Delhi, Sage Publications: 102- 116.
- GREENWOOD, D. J. (1978), “Culture by the Pound: An Anthropological Perspective on Tourism as Cultural as Cultural Commoditization”, in: Smith, V. (ed.), *Hosts and Guests, The Anthropology of Tourism*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press: 129-138.
- HANDLER, R. (1988), *Nationalism and the Politics of Culture in Quebec*, Madison, University of



Wisconsin Press.

HERZFIELD, M. (1991), *A place in History – Social and Monumental Time in a Cretan Town*, New Jersey, Princeton University Press.

JOHNSON, J. D., SNEPENGGER, D. J., AKIS, S. (1994), “Resident’s Perceptions of Tourism Development”, in: *Annals of Tourism Research*, 21, (3): 629-642.

KING, B., PIZAM, A., MILMAN, A. (1993), “Social Impacts of Tourism- Hosts Perceptions”, *Annals of Tourism Research*, 20: 650-665.

LEAL, J. (2002), “Identities and Imagined Homelands: Reinventing the Azores in Southern Brazil”, in: *Diaspora*, 11, (2): 233-254.

LEAL, J. (2005), “We are Azorean: Discourses and Practices of Folk Culture in Santa Catarina (Brazil)”, *Etnográfica*, IX, (1): 171-193.

MATHIESON, A., WALL, G. (1982), *TOURISM – Economic, Physical and Social Impacts*, New York, Longman Group Limited.

McKEAN, P. F. (1978), “Towards a Theoretical Analysis of Tourism: Economic Dualism and Cultural Involution in Bali”, in: Smith, V. (ed.), *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press: 98-108.

MORENO, J., LITTREL, M. A. (2001), “Negotiating Tradition: Tourism Retailers in Guatemala”, in: *Annals of Tourism Research*, 28, (3): 658-685.

MORENO, L. (1999), “A serra do Açor e o Piódão: refúgio de uma de uma ruralidade recriada”, in: Cavaco, Carminda (coord.), *Desenvolvimento Rural – Desafio e Utopia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos: 395-414.

NASH, D. (1978), “Tourism as Form of Imperialism”, in: Smith, V. (ed.) 1978a, *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press: 33-48.

NUTTALL, M. (1997), “Packaging the Wild: Tourism Development in Alaska”, in: Abram, S., Waldren, J., Macleod, D. (eds.), *Tourists and Tourism, Identifying with People and Places*, New York, Berg: 224-238.

PEARCE, D. (1995 [1987]), *Tourism today, a Geographical Analysis*, Essex, Longman.

PERDUE, R. R.; LONG, P. T.; ALLEN, L. (1990), “Resident Support for Tourism Development”, in: *Annals of Tourism Research*, 17: 586-599.

PICARD, M. (1995), “Cultural Heritage and Tourist Capital: Cultural Tourism in Bali”, in:

Lanfant, M., Allcock, J. B., Bruner, E. M. (eds.), *International Tourism, Identity and Change*, London, Sage: 67-83.

PY-SUNYER, O. (1978), “Through Native Eyes: Tourist and Tourism in a Catalan Maritime Community”, in: Smith, V. (ed.), *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press: 149-156.

RAMOS, F. M. (1997), *Os Proprietários da Sombra. Vila Velha Revisitada*, Lisboa, Universidade Aberta.

SHARPLEY, R., SHARPLEY, J. (1997), *Rural Tourism: An Introduction*, Oxford, International Thomson Business Press.

SHARPLEY, R. (1999) (2ª edição), *Tourism, Tourists and Society*, Huntingdon, Elm Publications.

VERBOLE, A. (1997), “Sustainable Development: A Case Study in Slovenia”, in: Haan, H., Babis, C., Redclift, M., *Sustainable Rural Development*, Ashgate, Aldershot, Brookfield USA.

VIDAS, A. A. (1995), “Textiles, Memory and the Souvenir Industry in the Andes”, in: Lanfant, M., Allcock, J. B., Bruner, E. M. (eds.), *International Tourism, Identity and Change*, London, Sage: 67-83.